

# Capitalismo e meio ambiente: é possível combiná-los?

*Capitalism and environment:  
can they really co-exist?*

Resenha escrita por Bianca Borges Medeiros Pavão

*Doutoranda em Desenvolvimento Sustentável pelo Centro de Desenvolvimento Sustentável da  
Universidade de Brasília (CDS/UnB), Brasília, DF, Brasil  
End. Eletrônico: medeiros.biancab@gmail.com*

doi:10.18472/SustDeb.v8n1.2017.21389

RESENHA

---

**Marques, Luiz. *Capitalismo e colapso ambiental*. Campinas: Editora da Unicamp, 2015. 64 p. ISBN: 9788526812741. Preço: R\$ 80.**

Luiz Cesar Marques Filho é cientista social, com doutorado em história da arte e professor do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Unicamp. Foi curador-chefe do Museu de Arte de São Paulo. O autor tem ampla produção associada à história da arte italiana dos séculos XV e XVI, mas mais recentemente se lançou no campo da problemática ambiental.

O título do livro aqui resenhado chama a atenção pelo seu tom catastrofista. Contudo, esse tom é o mesmo da narrativa de mais de 600 páginas, na qual discute a correlação entre o sistema capitalista e a degradação do meio ambiente no mundo. Embora o autor seja historiador, o livro não segue uma linha cronológica. Ele é dividido em capítulos que setorizam a degradação ambiental em grandes temas, ou dossiês, como indica o próprio autor, que visam sustentar o objetivo de demonstrar os impactos das sociedades industriais sobre a natureza.

O livro contém 14 capítulos divididos em 2 partes. Na primeira parte, denominada “A convergência das crises ambientais”, o autor reuniu evidências de como as crises ambientais estão produzindo rupturas no equilíbrio do ecossistema global. O autor apresenta estas evidências a partir de 10 dossiês, seguidos de um capítulo que sumariza o contexto em que a tratativa do colapso ambiental se insere na atualidade.

Na segunda parte do livro, chamada de “Três ilusões concêntricas”, o autor reúne nos 3 capítulos finais do livro, os argumentos para sustentar as 2 teses que norteiam sua narrativa: (i) o capitalismo é insustentável em face da questão ambiental e a tentativa/esperança de torná-lo sustentável é uma ilusão; (ii) essa ilusão é alimentada por duas percepções principais, quanto mais material e energia excedente existir, mais segura será a existência da espécie humana, e, pela própria visão antropocêntrica de que a biosfera dispõe-se para o homem.

São vastas as informações reunidas ao longo dos 10 dossiês que compõem a primeira parte do livro, contudo, muitas não representam inovações na tratativa da questão ambiental. Algumas, no entanto,

merecem destaque, pois evidenciam processos de deteriorização da natureza menos explorados na literatura já publicada.

No capítulo 1, “Diminuição das mantas vegetais nativas”, Marques apresenta os principais fatores que explicam a curva ascendente do desmatamento no mundo. Ele chama atenção para a revisão do Código Florestal brasileiro, aprovada em 2012, e a sua correlação direta com o crescimento dos índices de desmatamento da Amazônia. O autor não se esquivava de apontar questões sensíveis sobre as principais causas do desmatamento na Amazônia, faz referências às alianças políticas que sustentam o agronegócio brasileiro e a coalizão entre madeireiras, frigoríficos e empresas da soja e pecuária, saindo, portanto, do lugar comumente ocupado pela literatura catastrofista.

No capítulo 4, “Combustíveis fósseis”, Marques denuncia o desinteresse dos Estados pelo investimento em fontes limpas e os crescentes subsídios governamentais à produção e ao consumo desses combustíveis. Esses subsídios totalizam o triplo dos investimentos direcionadas a energias renováveis entre 2006 e 2015 no mundo. Este capítulo também coloca em pauta os principais problemas associados ao crescimento da exploração do xisto betuminoso por meio do fracionamento hidráulico.

O capítulo 5, “Regressão ao carvão”, apresenta evidências que contrariam o senso comum de que a utilização do carvão no mundo tende a diminuir. Merecem destaque, por exemplo, a projeção da geração de eletricidade mundial em 2030, que denota que mais de um terço da energia elétrica mundial será proveniente desta fonte. Dentre os vários fatores que explicam o favorecimento do avanço do carvão, Marques destaca a redução do uso dos recursos hídricos para a geração de energia em razão da sua crescente escassez no mundo.

No capítulo 7, “Agravamento da pressão demográfica”, o autor sustenta que o otimismo sobre a redução do crescimento populacional mundial deve ser abandonado. Ele apresenta dados que demonstram que as taxas de fecundidade dos países menos desenvolvidos em 2012 são maiores que as projeções anteriores apontadas pela Divisão de População da ONU para 2005-2010. Essa tese reposiciona no centro das discussões o tema da população como um fator de pressão ambiental, como postulado classicamente por Malthus e, mais recentemente, por Meadows, Ehrlich e Hardin.

No capítulo 10, “Antropoceno, rumo à hipobiosfera”, o autor problematiza 2 questões principais como fatores de pressão característicos da era do Antropoceno: as grandes represas e o aumento do consumo da carne. Relaciona ambos diretamente com as mudanças climáticas buscando fortalecer, assim, a tese do Antropoceno, que é amplamente combatida pelos geólogos mais conservadores.

Após a apresentação de 10 dossiês que organizam as evidências reunidas pelo autor sobre a crise ambiental do século XXI, no capítulo seguinte ele problematiza a sua opção pelo termo colapso. Explica que o seu uso tem como objetivo se distanciar da forma como o termo era utilizado pelo gênero literário do apocalipse judaico-cristão, que entendia a ideia de colapso como uma possibilidade de restauração. Esclarece, portanto, que deseja se inserir no que ele denomina de “biblioteca do colapso ambiental”, da qual fazem parte obras como *The Limits to Growth* (Donella Meadows e colaboradores) e *Collapse* (Jared Diamond). O seu objetivo é reunir evidências de que o colapso ambiental está em curso, que não se trata apenas de prognósticos científicos, e que tampouco se liga a cataclismos naturais.

Os argumentos que sustentam a tese de Marques sobre a incompatibilidade entre meio ambiente e capitalismo são sumarizados no capítulo 12. O autor é enfático ao apresentá-los, sintetizados na incapacidade do sistema capitalista de atingir as 10 metas propostas pelo relatório *Better Growth Better Climate*<sup>1</sup> e na sua incapacidade de se autorregular.

A tese “mais excedente = mais segurança” é discutida no capítulo 13. O autor faz um longo percurso pela história da humanidade para sustentar a sua tese de que a lógica do capitalismo, desde os seus primórdios, é associada a necessidade de expansão constante. Aqui o autor deixa bem evidenciado a sua formação em história. Merece destaque outra linha argumentativa seguida pelo autor, que reconhece que os desequilíbrios ambientais (causados pelos humanos) são, cada vez mais, variáveis decisivas na determinação da taxa de lucro do capital. Marques estabelece, portanto, uma relação direta entre taxa de lucro, problemas ambientais e o conceito de espaço vital (Ratzel, 1897) e também

entre fronteiras econômicas e a necessidade de ultrapassagem das fronteiras geográficas.

Por fim, no capítulo 14, o autor trata do conceito de natureza centrado na visão antropocêntrica. Neste capítulo ele também resgata a sua veia histórica para narrar as leituras da visão antropocêntrica ao longo da história. Mas chama a atenção as correlações entre a pretensão humana de poder cada vez mais penetrar mais profundamente nas leis de comportamento da vida terrestre e os efeitos que esta pretensão tem gerado na saúde humana, como aumento da resistência aos antibióticos e aumento dos distúrbios comportamentais, por exemplo.

Ao longo dos 14 capítulos o autor expõe a sua convicção de que o capitalismo está diretamente associado ao crescimento, o que faz dele um sistema intrinsecamente expansivo e ambientalmente destrutivo. O seu objetivo de reunir evidências se confirma ao longo das cerca de 600 páginas, contudo, os argumentos sobre os motivos e os processos que auxiliam a explicar o “atual cenário de colapso ambiental” que ele descreve são rasamente apresentados e discutidos.

Em oposição ao discurso difundido por parte dos ambientalistas, Marques enfatiza que não se devem empregar esforços para “doutrinar” o capitalismo para a sustentabilidade, mas, sim, buscar uma alternativa para superar o sistema. Contudo, o autor descarta o socialismo como uma alternativa de superação do sistema capitalista. Os seus argumentos para este descarte transitam entre o “já sabido” fracasso do sistema socialista e a “monstruosidade a que [se] reduziu o socialismo ‘real’” (p. 597).

O autor demonstra se alinhar com a corrente de pensamento do *decrecimento*, alegando que as atividades produtivas e o constante incremento das indústrias no século XXI são *incompatíveis* com o estoque de recursos naturais disponíveis e com o próprio equilíbrio do planeta. O tom catastrofista alinha-se aqui com os argumentos sobre os *limites do crescimento*.

Marques faz também críticas ao papel desempenhado pelos Estados-Corporação e os partidos de esquerda como elementos que contribuem fortemente para a convergência na direção do colapso do meio ambiente. Quanto à tese sobre o papel da esquerda, este tema merecia mais atenção e aprofundamento.

A autor poderia ser acolhido no bojo dos pessimistas, conforme categorizou McCormick<sup>2</sup>. Após reunir e apresentar todas as evidências do colapso do planeta, Marques deixa uma mensagem clara: não há saída. Embora o autor relate ao longo do texto que o livro não tem como objetivo trazer um alerta, mas, sim, realizar um esforço de reunir evidências, o mesmo poderia sim ser classificado como uma literatura alarmista, ou como ele denominou, integrante da “biblioteca do colapso”.

Nesse sentido, a obra é enriquecida pelas vastas, diversificadas e atuais fontes das informações apresentadas, retiradas de relatórios nacionais e internacionais, artigos científicos em periódicos de destaque, livros, indicadores e matérias de jornais ou revistas. Além da primorosa pesquisa realizada, merece menção também a organização sistemática das fontes consultadas, que aparecem divididas por seções em cada um dos capítulos.

A leitura desta obra, apesar da sua densidade e extensão, pode interessar aos curiosos sobre o tema ambiental, pois pelo seu próprio formato em dossiês, reuniu e organizou informações atualizadas sobre os efeitos da crise ambiental contemporânea. A própria utilização do livro para consultas específicas aos dossiês é possível, embora não pareça ter sido a intenção do autor. Isto é possível porque, ao tratar dos principais indicadores da crise ambiental em capítulos distintos, ele permite que a sua obra seja acessada como uma rica fonte de consulta.

## NOTAS

<sup>1</sup> STERN, N.; CALDERÓN, F. 2014. Disponível em: <<http://2014.newclimateeconomy.report/>>.

<sup>2</sup> MCCORMICK, J. Rumo ao Paraíso: A História do Movimento Ambientalista. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1992.